

# "ROTEIRO DA INDEPENDENCIA"

TAUBATÉ

TAUBATÉ



3 a 7  
DE  
SETEMBRO  
DE  
1972

EXPOSIÇÃO FILATELICA

em

TAUBATÉ



3 a 7  
DE  
SETEMBRO  
DE  
1972

3 a 7 de setembro de 1972

no

CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA

EXPOSIÇÃO  
FILATELICA



"ROTEIRO  
DA  
INDEPENDENCIA"  
1822-1972

ECT-12100 - TAUBATÉ - S. PAULO

EXPOSIÇÃO  
FILATELICA



"ROTEIRO  
DA  
INDEPENDENCIA"  
1822-1972

ECT-12100 - TAUBATÉ - S. PAULO



## PROMOÇÃO DO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA  
COMISSÃO ESTADUAL DE FILATELIA E NUMISMÁTICA

em colaboração com a  
PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ

HOMENAGEM AOS SRS.

SR. LAUDO NATEL

Governador do Estado de São Paulo

SR. PEDRO DE MAGALHÃES PADILHA

Secretário de Cultura, Esporte e Turismo

DRA. ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ

Secretária da Educação

DR. PAULO LÉBEIS BOMFIM

Dir. da Secr. Executiva do Cons. Estadual de Cultura

SR. JOSÉ GERALDO ALVES

Prefeito de Lorena

DR. RAFAEL AMÉRICO RANIERI

Prefeito de Guaratinguetá

DR. CAIO GOMES FIGUEIREDO

Prefeito de Pindamonhangaba

DR. GUIDO JOSÉ GOMES MINÉ

Prefeito de Taubaté

SR. MÁLEK ASSAD

Prefeito de Jacareí

SR. WALDEMAR COSTA FILHO

Prefeito de Mogi das Cruzes

GEN. CLÓVIS BANDEIRA BRASIL

Interventor em Santos

COMISSÃO ESTADUAL DE FILATELIA E NUMISMÁTICA

Rua Antonio de Godoy, 88 — 3.º and. — São Paulo

DR. JOSÉ PEDRO LEITE CORDEIRO — Presidente

Jornalista J. L. de BARROS PIMENTEL — VICE-PRESID.

SR. ITAMAR BOPP — Conselheiro

Prof. BUENO DE AZEVEDO FILHO — Conselheiro

SRA. LÚCIA DE TOMASI — Conselheira

SRTA. CLAUDETE SOPHIA MICHLEWISKI — Secretária

Coordenação e Organização do

Jornalista MOYSÉS GARABOSKY

CORREIOS

SÊLO POSTAL

COLECIONISMO

"PARA PROFESSORES E ESTUDANTES"



Os selos "Ólho de Boi" nos valores de 30, 60 e 90 réis,  
emitidos em 1.º de agosto de 1843.



Cilindro de um dos três valores do "Ólho de Boi" (do arquivo  
particular do Sr. Bernardino Pinheiro.)

## CORREIOS - SÊLO POSTAL - COLECIONISMO

Desde os tempos remotos, a história registra a remessa de mensagens, ordens, notícias entre comunidades e países. A própria Bíblia cita a remessa de mensagens entre povos que viveram há mais de três mil anos. Persas, assírios, babilônios e egípcios também deixaram vestígios da existência de seus correios.

Os correios romanos foram bem organizados e para a época atendiam completamente às necessidades. A correspondência era remetida por mar, em barcos a remo e veleiros; por terra, com mensageiros a pé, a cavalo, em carros e diligências.

A característica principal do correio na antiguidade era ser ele organizado pelos governos e destinar-se exclusivamente ao uso dos governos. Os reis e chefes de governos mantinham o serviço de correio para terem as notícias em primeira mão e também a primazia da divulgação dos fatos de seu interesse.

Particulares não tinham direito de utilizar o correio, o que gerou o suborno e com ele a utilização clandestina do serviço para a remessa de correspondência particular. Assim, alguns governos foram perdendo o controle de tais serviços.

Na idade moderna, o progresso do mundo, com o desenvolvimento do comércio e da indústria, forçou o reparcimento do serviço em vários países. Surgiram organizações particulares, das quais a mais importante foi a TASSE, que se iniciou na Península Itálica e se ramificou por toda a Europa. Era o serviço de correios com caráter internacional.

Já na época contemporânea, séculos XVIII e XIX, encontramos o serviço de remessa de correspondência espalhado por todo o mundo civilizado e executado com regularidade.

As leis da época davam regalias e garantias aos estafetas, que tinham imunidades especiais e absoluta preferência de trânsito. Chegavam por isso às localidades em dias certos e se faziam anunciar por toques de cornetas para reunir o povo e efetuar a distribuição da correspondência. A corneta é ainda hoje o símbolo postal usado comumente pela Filatelia.

Os particulares pagavam o porte da correspondência no ato do seu recebimento. As cartas eram escritas numa folha de papel dobrada e colada, correspondente ao atual envelope. O enderêço ou sobrescrito era pôsto no próprio papel, no lado oposto à dobra.

Algumas localidades usavam um carimbo para marcar a procedência das cartas. Essas cartas, não levavam sêlo, mas apenas tinham a tarifa marcada externamente, são conhecidas na filatelia como "precursores", pois circularam antes do sêlo postal.

No fim da primeira metade do século XIX ocorreu na Inglaterra radical transformação no serviço postal. Coube a Sir Rowland Hill a responsabilidade de todos os estudos atinentes ao assunto. Finalmente, no dia 6 de maio de 1840, a Grã-Bretanha teve a primazia de emitir uma série de sêlos postais com a efígie da Rainha Vitória.

O sêlo n.º 1 do mundo, emitido em 6 de maio de 1840, é conhecido como PENNY BLACK. Daquela data em diante, quem pagava o porte não era mais o destinatário das cartas, mas sim o remetente. Pouco tempo depois, a direção dos correios da Grã-Bretanha demonstrava ao Parlamento as vantagens da adoção do sêlo postal, marcando assim o início de uma nova era nas comunicações mundiais.

No Brasil, foi por força do decreto n.º 255, de 29 de novembro de 1842, que se criou o sêlo postal para franquia de correspondência. Este decreto determinou "o modo por que se deve efetuar nos Correios do Império o adiantamento dos portes das cartas e mais papéis, e a maneira por que estes se devem distribuir nas casas com maior celeridade". Com tal medida, o governo imperial deu ao Brasil a glória de ter sido o primeiro país da América Latina a adotar o sêlo postal.

O decreto n.º 255 estipulava no seu artigo 5.º: "Os portes são pagos em papel selado ou sêlo nos valores de 30, 60 e 90 réis, na forma constante do modelo que o acompanham."

Assim como sucedeu na Inglaterra, a adoção do sêlo postal adesivo no Brasil, além de proporcionar facilidade e rapidez ao serviço dos Correios, trouxe a uniformidade do porte, independentemente da distância que a carta pudesse percorrer. Para a execução da lei, foram dadas imediatas providências, cabendo à Casa da Moeda do Brasil o preparo das chapas para a impressão dos sêlos, missão confiada ao mestre da oficina de gravura, Carlos Custódio de Azevedo, auxiliado por Quintino José de Faria. Foram gravadas seis chapas de cobre: duas com o total de 54 sêlos (18 de cada um dos valores de 30, 60 e 90 réis); uma com 54 sêlos de 30 réis;

uma com 60 sêlos de 30 réis; e duas com 60 sêlos de 60 réis. Embora emitidos em época tão remota, os nossos primeiros sêlos foram genuinamente brasileiros, idealizados por brasileiros, gravados por brasileiros e impressos em oficinas governamentais brasileiras: as Oficinas de Estamparia de apólices.

A gravação do desenho dos sêlos ÔLHO DE BOI na "matriz" era feita em talho-doce, estampando-se primeiramente o arabesco que representa o fundo, sôbre o qual era gravado o valor do sêlo. O desenho da matriz assim gravado era transferido para um cilindro, por meio de forte pressão, e, pelo mesmo processo, era cunhado em uma chapa de aço ou de cobre, tantas vezes quantas fôsse os sêlos de cada fôlha.

Os sêlos brasileiros são muito procurados pelos colecionadores internacionais e sua cotação é sempre elevada.

Tôda pessoa que coleciona sêlos, estuda-os e classifica-os é chamada filatelista.

Filatelia é um passatempo científico, sério, instrutivo e, no aspecto financeiro, de rentabilidade fora do comum.

Uma coleção é iniciada de propósito ou acidentalmente. O principiante pode colecionar sêlos de tôda espécie, mas com o tempo passa a dedicar-se a uma especialização, que pode ser de países ou motivos. Os sêlos em duplicata, isto é, repetidos, e aqueles julgados desinteressantes para os temas adotados podem servir para presentear amigos do país ou do exterior.

Por outro lado, os principiantes devem colecionar sêlos do Brasil a fim de conhecer nossa história, costumes, riquezas e belezas naturais, bem como os grandes homens — do Império e da República — que construíram nossa Pátria. Recomenda-se também aos principiantes que não guardem sêlos rasgados.

Os sêlos devem ser perfeitos, pois os menores defeitos depreciam-nos. Podem ser colecionados novos e usados. Com sêlos obliterados deve-se proceder da seguinte maneira: 1) Recortar-se o sêlo do envelope, deixando-se uma margem, cuidado adotado para não ferir-lo. 2) Coloca-se água limpa em vasilhame limpo, sem gordura, e nela o sêlo recortado. 3) Depois de 20 minutos de água, mais ou menos, retira-se o sêlo, separando-o então do pedaço do envelope. 4) Coloca-se o sêlo, com a figura para baixo, sôbre mata-borrão branco ou sôbre as margens de um jornal, até que fique enxuto. 5) Somente depois de bem enxuto é que o sêlo deve ser colocado em classificadores, envelopes ou álbuns. 6) Há sêlos que desbotam e não podem ser desbotados com água. Com êles procedemos assim: Colocamos o lado colado sôbre mata-borrão bem úmido, até amolecer a goma, e com a pinça destacamo-lo do papel, secando-o com a face do mata-borrão. A face dêstes sêlos não deve entrar em contato com água. Eis alguns sêlos do Brasil que desbotam: as primeiras taxas vermelhas e a série seguinte. Espírito Santo, Arquivo Nacional e Arco de Santa Teresa.

O sêlo novo ou usado (neste caso já lavado e enxuto) deve ser guardado com cuidado.

ÁLBUM — De acôrdo com a preferência do filatelista, o álbum pode ser simples ou mais luxuoso, de papel melhor e com ilustrações. Conforme o tema escolhido, as ilustrações serão de esportes, fauna, pinturas, flora, astronáutica, Brasil, Vaticano etc. Varias firmas de São Paulo e Rio de Janeiro fabricam ótimos álbuns do Brasil com fôlhas milimetradas.

CANTONEIRAS — Semelhantes às que existem para fotografias, são utilizadas para fixar blocos, envelopes e folhinhas em álbuns ou fôlhas soltas.

CATÁLOGO — É um livro que fornece informações ao filatelista, mencionando tôdas as emissões, as características de cada sêlo e as respectivas taxas. Há catálogos universais e catálogos especializados num só país. O catálogo é muito importante para a classificação do sêlo, bem como para a determinação do seu valor.

CHARNEIRA — É uma pequena dobradiça, de papel fino, com cola. Serve para fixar os sêlos nos álbuns ou fôlhas. Há dobradiças de fabricação nacional e estrangeira. Embora o papel de uma e outra seja igualmente bom, parece-nos que a goma usada na charneira estrangeira é melhor, pois não mancha os sêlos com tanta facilidade, nem causa ferrugem. Para ser colada no sêlo, a charneira deve ser umedecida na beirada com um pouco de água, e não saliva, como muitos fazem. Além de ser anti-higiênica, a saliva contém ácidos que prejudicam o sêlo. Há charneiras que já vêm dobradas. Quando não vierem assim, devem ser dobradas em um têrço do seu tamanho. A parte menor é colada ao sêlo e a maior ao álbum. A beirada da parte menor da charneira deve ser colada bem no meio do sêlo, para não estragar os picotes.

Enquanto o principiante não tem uma boa quantidade de selos ou ainda não sabe o que pretende colecionar, fase em que apenas junta selos para guardá-los, pode usar o classificador. Há classificadores de tamanho pequeno — para bolsa — maiores e até grandes, de cofre, com folhas soltas. São livros com folhas de cartolina branca ou preta, guarnecidas de tiras de papel transparente, que formam bolsas estreitas e compridas onde os selos podem ser introduzidos facilmente com uma pinça. Uma folha de papel impermeável separa uma página da outra. Os classificadores são úteis, pois conservam o selo em perfeito estado e em ordem.

O próprio principiante habilidoso pode fazer um classificador: Cola tiras de celofane de 2 x 10 cm. nas extremidades e na parte inferior de um caderno novo, deixando aberta toda a parte superior por onde serão introduzidos os selos. Para separar uma tira de outra, deixa uma distância de mais ou menos 5 cm. Para que um selo não prejudique o outro, cada folha deve ser separada de outra por uma folha de papel impermeável.

Para os filatelistas adiantados o classificador é útil para conservar selos em duplicata, que serão destinados a trocas e vendas. Quando já têm uma boa quantidade de selos, são capazes de manuseá-los bem, sabendo o que desejam colecionar; os principiantes podem adquirir um álbum especial.

**ENVELOPES TRANSPARENTES** — De diferentes tamanhos, servem para guardar os selos de uma coleção, antes de irem para o álbum, e também as duplicatas que o colecionador possui. O filatelista deve ser organizado e ordeiro. Desde quando começa a juntar selos, deve colocá-los em envelopes transparentes ou em classificadores para saber, sem perda de tempo, o que tem e do que precisa, no caso de permuta ou venda.

**FILIGRANOSCÓPIO** — É um instrumento barato e indispensável para o filatelista. Serve para mostrar a filigrana ou marca d'água, uma medida de segurança para evitar a falsificação de selos novos, mancha-os. A filigrana de um selo consiste em palavras impressas, visíveis contra a fraza torna-se visível quando o selo é colocado num filigranoscópio, pingando-se sobre ele algumas gotas de tetracloreto, benzina pura retificada ou álcool puro. A benzina comum, se usada em selos novos, mancha-os. A filigrana de um selo consiste em palavras impressas, visíveis contra a luz ou no filigranoscópio. Eis algumas filigranas dos selos brasileiros: "Correio Federal", "República dos Estados Unidos do Brasil", "Estrelas", "Correio", "Casa da Moeda", "Estados Unidos do Brasil", "CM" (em um círculo dentro de uma estrela), "Eubrasil", "Cruzeiro do Sul", desenhado entre as palavras "Correio do Brasil". Há selos que são impressos primeiramente com uma filigrana e depois com outra. Essa anormalidade é devida à falta de papel. O selo com filigrana impressa em menor quantidade tem maior valor.

O filigranoscópio pode ser improvisado com uma vasilha preta de plástico e um pedaço de galalite preta e brilhante.

**HAVID** — Em vez de charneiras podemos usar o HAVID. Trata-se de um moderno acessório do filatelista, bastante caro, pois é importado da Alemanha. Consta de dois plásticos especiais, um transparente e brilhante, outro preto. São colados em um dos lados. Corta-se o HAVID no tamanho necessário, deixando margem mínima, e dentro dele coloca-se o selo, envelope ou bloco. A parte preta do HAVID tem goma atrás. É só umedecê-la e colá-la no álbum. O Havid é encontrado nas boas casas filatélicas em tiras de diferentes larguras para selo, bloco ou envelope. Fica bonita uma coleção montada em HAVID. A parte branca transparente dá mais brilho ao selo e a parte preta o realça. Em exposições dá-se muito valor às montagens em HAVID.

**LENTE** — Também chamada lupa, é um acessório muito útil para o filatelista. Proporcionando uma visão ampliada do selo, permite que se notem variedades e raridades. Facilita, portanto, o estudo da peça filatélica. Há lentes grandes e pequenas, nacionais e estrangeiras. É mais usada a pequena, de bolso, que o filatelista carrega sempre junto com pinça. Antes da venda, compra ou troca, há necessidade de observar a peça com uma boa lente, para evitar enganar.

**ODONTÔMETRO** — É um instrumento útil ao filatelista. Serve para medir a picotagem do selo. Existem os modelos simples e os que têm também decímetro, utilizados para medir sobrecargas. Numerosos selos apresentam picotes diferentes. O valor do selo varia, nestes casos, da seguinte maneira: sendo emitida uma pequena quantidade com determinado picote, esses selos valerão mais do que o resto da emissão com outro picote.

**PINÇA** — É um instrumento especial, com ponta chata e redonda, que torna fácil apanhar os selos. É prática, simples e barata. Deve-se manusear os selos com estas pinças especiais, pois o suor das mãos, mesmo bem limpa, prejudica as estampas.

**PÓ PARA SELOS** — Pó especial é usado principalmente em selos com goma, antes de guardados no classificador, álbum ou envelope transparente. Evita que o selo grude e protege-o contra a ferrugem.

## A JORNADA DA INDEPENDÊNCIA

Partida — A jornada — A cêna do Ipiranga — Regresso ao Rio de Janeiro

J.B. Athayda

Membro da Academia de Letras de Volta Redonda

Como a situação política em São Paulo fôsse de intranquilidade, o príncipe D. Pedro resolveu dirigir-se para lá, acompanhado de pequena comitiva, que foi engrossando no decorrer da viagem. Antes de deixar o Rio de Janeiro, o príncipe D. Pedro, em 13 de agosto de 1822, assinou decreto confiando o govêrno à princesa D. Leopoldina. No dia seguinte, 14, "partiu acompanhado pelo futuro Marquês de Taubaté, Dom Luís de Saldanha da Gama, nomeado secretário de Estado interino, o ajudante Francisco Gomes da Silva, por apelido o Chalaça, pelo major Francisco de Castro do Canto e Melo (irmão da Marquêsa de Santos) " e pelos criados pertencentes ao Paço, João Carlota e João Carvalho."

"Na Venda Grande, em Inhaúma, estavam à espera do Príncipe o Tenente-Coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo, mais tarde governador de Santos, e o padre mineiro Belchior Pinheiro, parente dos Andradas." "Neste primeiro dia de jornada venceu Dom Pedro as dez léguas que o levaram a Santa Cruz", onde pernitoiu. "O segundo dia de jornada do futuro Dom Pedro I findou em São João Marcos, hospedando-se o Príncipe em casa do grande fazendeiro Hilário Gomes Nogueira, então ausente, por enfôrmo."

Dois dos filhos deste, Luís e Cassiano, incorporaram-se então à comitiva regencial como membros de sua Guarda de Honra. A esta agregou-se igualmente o futuro rei do café no Brasil imperial Joaquim José de Sousa Brêves, que viria a ser o último a falecer dos assistentes à cêna do Sete de Setembro. A Dom Pedro também acompanhou Floriano de Sá Rios." "De São Marcos foi o príncipe dormir no dia 16 na fazenda de Três Barras, onde se achava acamado Hilário Nogueira," honrando ao seu hospedeiro "com uma visita na própria cama em que se achava recolhido." "A 17 pousou Dom Pedro em Arêias tendo jantado na fazenda Pau d'Alho do Coronel João Ferreira" e dormido "em casa do capitão-mor Domingos da Silva", que lhe proporcionou "o mais franco e generoso acolhimento." "Sendo-lhe oferecidos novos e excelentes animais e os demais cômodos necessários à viagem partiu o Príncipe a 18 acompanhado do Coronel João Ferreira e seu filho Francisco." "A 18 e na estrada que conduzia a Lorena viu-se o Príncipe abordado pelo capitão-mor de Guaratinguetá que à testa de um grupo de pessoas gradas na vila vinha render-lhe homenagens." "Foi jantar em Cachoeira e continuando a marcha, encontrou no Rancho do Moreira "ótimas cavalgadas destinadas a servirem para a entrada de toda a comitiva em Lorena." "Aí chegando mandou expedir o decreto dissolvendo o Govêrno Provisório de São Paulo. E ao mesmo tempo dando arras aos sentimentos de solidariedade com os Andradas, seus ministros, mandou dispersar a Guarda de Honra que o Govêrno de São Paulo resolvera criar para circunstância trinta e duas praças comandadas por oficiais milicianos." Em Guaratinguetá onde dormiu a 19 foi o Regente obsequiosamente hospedado pelo capitão-mor local que resolveu acompanhá-lo a São Paulo. Naquela vila se achava o capelão da Guarda de Honra e o vigário coadjutor comissionado pelo clero de Taubaté. No caminho para Pindamonhangaba veio brilhante comitiva incorporar-se à escolta principesca que cada vez mais se avolumava. Assim agora o acompanhavam Eleutério Velho Bezerra e Antônio Luís da Cunha, do Rio de Janeiro, Antônio Pereira Leite, Antônio Ramos Cordeiro, José da Rocha Correia, Davi Gomes Jardim, de Resende, José Monteiro dos Santos e Custódio Leme Barbosa, de Guaratinguetá. A uma légua de Pindamonhangaba luzida cavalgada esperava o Regente tendo à testa o capitão-mor local Manoel Marcondes de Oliveira e Melo, futuro primeiro Barão de Pindamonhangaba e o Coronel Antônio Leite Pereira da Gama e Lôbo comandante da Guarda de Honra da qual foi Manoel Marcondes nomeado segundo comandante. Recebido com aclamações na vila ali dormiu Dom Pedro no dia 20. A 21 chegava Dom Pedro em Taubaté onde fez triunfal entrada "entusiásticamente recebido pelo povo e muito obsequiado pelas principais pessoas do lugar." A 22 vários taubateanos de destaque o acompanharam, Francisco Xavier de Almeida, Vicente da Costa Braga, Fernando Gomes Nogueira, João José Lopes, Rodrigo Gomes Vieira e Bento Vieira Moura, assim como um patriota vindo de Paralbuna, Flávio Antônio de Andrada. De Taubaté veio Dom Pedro dormir em Jacareí, "onde, ao chegar, foi encontrado por grande número de cavaleiros, a cuja frente se achavam o capitão-mor, seus irmãos e cunhados." Igual encontro teve ao chegar no dia imediato a Mogi das Cruzes onde foi recebido e nobremente tratado pelo capitão-mor Francisco de Melo, seus filhos e genros."

Proseguindo em sua jornada, o príncipe Regente ainda pernitoiu, no dia 24, na Penha de França, para no dia seguinte, 25, entrar solenemente na cidade de São Paulo, depois de 12 dias de viagem a cavalo.

No dia 5 de setembro deixou a capital paulista com destino a Santos, donde regressou no dia 7, cavalgando numa "besta baia gateada". Quando o príncipe D. Pedro já se avizinhava de São Paulo, nas proximidades do riacho Ipiranga, lá pelas 4,30 da tarde, "foi encontrado pelo sargento-mor de milícias Antônio Ramos Cordeiro, e pelo correio Paulo Bregaro, que lhe entregaram cartas e ofícios da princesa real D. Leopoldina e do Ministro José Bonifácio, transmitindo as notícias trazidas de Lisboa pelo navio Três-Corações, que de lá partira a 3 de julho. Soube então D. Pedro que não seria aprovado pelas Côrtes o Ato Adicional à Constituição, proposto por Fernandes Pinheiro (depois Visconde de São Leopoldo), Antônio Carlos, Vilela Barbosa (depois Marquês de Paranaguá), Lino Coutinho e Araujo Lima (depois Marquês de Olinda), relativo à organização particular e autonômica do reino do Brasil com um governo e um congresso especial." "As Côrtes haviam declarado nulo e irritado o decreto do príncipe, convocando procuradores gerais das províncias, tinham mandado responsabilizar e processar o ministério do Rio de Janeiro e os membros da Junta de São Paulo. "Foram as notícias das decisões que demos conta (diz o Visconde de Pôrto-Seguro, na sua História da Independência, manuscritos inéditos), tomadas em fins de junho pelas Côrtes, dos insultos atirados aos deputados brasileiros no recinto das mesmas Côrtes pelo público das galerias, e pela plebe nas ruas, que agora fizeram cogular todas as medidas. Tornava-se urgente responder a tais provocações, antes que os novos decretos chegassem, transmitidas oficialmente. D. Pedro não podia consentir que o seu primeiro ministro fôsse assim submetido a três ou quatro processos, por atos que haviam tido a sua aprovação, e que êle, príncipe, havia sido já o primeiro a justificar em cartas escritas a el-rei seu pai. Não podia admitir o início dessa era de perseguições e de castigos, que as Cortes queriam abrir no Brasil. Submeter-se a cumprir tais decretos, seria desonrar-se, esquecendo o título que aceitara de Defensor Perpétuo do Brasil." Diante da gravidade das notícias vindas de Lisboa, não era possível contemporizar, e na alternativa de escolher um partido — ali mesmo, escolheu o do Brasil, depois de haver trocado algumas palavras com o padre Belchior, que, ao contrário de Joaquim José de Sousa Brêves e dos demais membros de sua Guarda, cavalgava mais próximo de si. "O Pe. Belchior, que havia sido eleito um dos representantes de Minas às côrtes portuguesas, a que com seus companheiros de Minas não quiz comparecer", veio com suas palavras afastar definitivamente quaisquer dúvidas que porventura existissem no espírito do príncipe D. Pedro, mesmo depois de inteirar-se das cartas que sobre o mesmo assunto lhe dirigiram a princesa D. Leopoldina e o ministro José Bonifácio, e influir na decisão que mudou a sorte do Brasil.

- "Se V. Alteza não se faz rei do Brasil será prisioneiro das côrtes e talvez desherdado por elas. Não há outro caminho, senão a independência e a separação."
- "Padre Belchior, êles o querem, terão a sua conta. As côrtes me perseguem, chamam-me com desprezo de rapazinho e de brasileiro. Pois verão agora quanto vale o rapazinho. De hoje em diante estão quebradas as nossas relações: nada mais quero do governo portuguez e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal."

E proferindo as palavras "Independência ou Morte", quebrou os fracos laços que ainda nos uniam a Portugal. Chegou a São Paulo ao escurecer, sendo festivamente recebido pelo povo, que não ocultava o grande contentamento de que estava possuído, diante da notícia logo espalhada da nossa Independência. Depois de uma breve estadia na capital paulista, regressou, apressadamente, ao Rio de Janeiro, no dia 10, gastando apenas 5 dias nesta viagem de volta. No dia 13 de setembro chegava à vila de São João do Príncipe, onde passou a noite, dormindo na fazenda da Olaria, cuja propriedade, mais tarde, veio a pertencer ao Com. Joaquim Brêves. Proseguindo viagem, no dia seguinte, 14, chegava ao cair da noite dêsse mesmo dia ao Rio de Janeiro, e na mesma noite ainda compareceu à Maçonaria, onde tomou posse do cargo de grão-mestre do Grande Oriente do Brasil. De todos os protagonistas da cena da nossa Independência, nas margens do riacho Ipiranga, o último a falecer foi exatamente o Com. Joaquim José de Souza Brêves, em 1889. Curiosa coincidência assinalou a vida agitada dêsse homem notavel; viveu quase exatamente o tempo que durou o Império que êle vira nascer, pouco faltando para vê-lo desmoronar-se com uma simples parada militar encabeçada pelo marechal Deodoro.